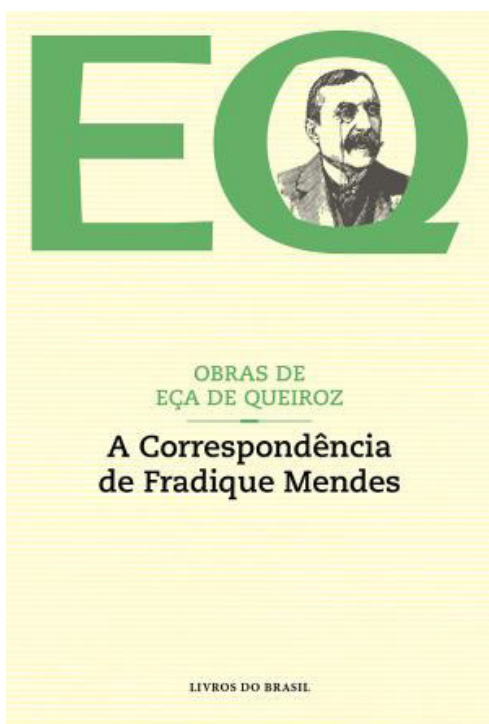


Eça de Queirós: “Ao Senhor E. Mollinet”.
Correspondência de Fradique Mendes (cap. VIII).
Lisboa: Livros do Brasil, 2017, 216 pp.

Esser Jorge Silva (UTAD)

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade



Talento. Muito talento. Na política é muito importante o talento. Pode não haver político desde que haja talento. Na hora da sua morte, José Joaquim Alves Pacheco, “o Pacheco” como ficou popularmente conhecido, afigurava-se uma criatura tão distintamente considerada e tornada imprescindível, ao ponto de toda a nação chorar tão copiosamente o seu desaparecimento como se o Estado, feito um corpo, tivesse perdido uma parte importante de si e não mais lhe fosse possível recuperar. Porém, como se de uma fortuna se tratasse, o desaparecimento corpóreo de Pacheco legou como herança intangível os silenciosos e tácitos

ensinamentos de como usar a imensa aptidão em benefício do porfiar na política. A grande qualidade de Pacheco era estar possuído de uma condição extraordinária: “uma pessoa de imenso talento”.

Este talento não resultava de nenhuma habilidade ou vocação em especial mas de um atribuído ocasional que lhe moldara o destino. A veste de competência magnificente havia-lhe sido enroupada ainda na faculdade de direito quando advogara, sob ar compenetrado de sageza, que “o século XIX seria um século de progresso e de luz”. Perante tal projétil verbal a figura de Pacheco mostrou-se aos presentes de tal modo agigantada ao ponto dos seus créditos se expandirem pela nação. Primeiro lentamente. E, gradualmente, com a solidez dos escolhidos, o raciocínio discernido feito em talento afirmado tomou o lugar de um corpo para se transformar num espírito pousado em toda a malha

mental portuguesa: Pacheco era o homem prometido. Ele era mais do que o esperado D. Sebastião, regressado do nevoeiro de Alcácer Quibir.

E foi. Tinha “talento” e o país precisa sempre de homens assim não os podendo desperdiçar, obviamente não por causa do homem em si mas por causa do talento por si. De tal modo que os atributos e características do homem vão sendo abafados no imenso talento. A certa altura o talento de Pacheco apegava-se de tal forma à sua imagem “sempre pensabundo, já de óculos, austero nos seus passos, com praxistas gordos debaixo do braço” ao ponto de desenvolver uma composição cujo involucro não ofertava qualquer dúvida do peso e da dor de preocupação prodigiosa que habitava aquele corpo. Aliás, a imagem tributava o alardeamento geral promovido pelos colegas e conhecidos, da existência de tão excelsa figura gradada de qualidades geniais, matéria sempre escassa e logo de alvissaras populares prontas.

Ao tornar-se representante nacional, o talento de Pacheco não só foi colocado no lugar devido como também assentou no percurso natural de quem nasce para o que nasce, inclusive sem qualquer possibilidade de traição do destino, nomeadamente porque, como é sabido, o engenho apostado num homem configura o dispositivo dos dispositivos. Daí em diante o talento reconhecido de Pacheco assegurou uma vida de conquistas. Ocupou comissões parlamentares, fez-se ministro do reino e, pelos seus encómios, obteve “Grã Cruz da Ordem de Santiago”.

É certo que o imenso talento revela-se adiado a todo o momento. Notava-se que estava ali mas era coisa para o futuro. A crença na residência de um superlativo existencial prestes a explodir em intervenções plenas de novidade suportava Pacheco num firme pedestal de certezas. De todo, era impossível duvidar de quem tão pouco intervinha mas tão imensamente garantia. Os gestos únicos do seu apontar de dedo, a expressão particular da sua pose, a esperança sustentada no seu sentar, a certeza espelhada na sua larga e longa testa de erudito; qual parede suporte de agudeza, percebida a todo o momento no seu olhar sempre perdido –sem dúvida vendo para além do horizonte; tudo em Pacheco confirmava a certeza do aumentado mental pronto a oferecer-se, só o não fazendo, porque nenhum momento mereceu a magnificência política que habitava em si.

Mas estava lá. O imenso talento formava um crédito tão vigoroso ao ponto de se lhe atravessar na existência a presidência do Conselho. Pacheco foi, desta forma, punido com a glória pelo seu hiperbólico estado talentoso em potência e, quem o visse, ou exclamava perplexo ou excitava boquiaberto com o “desproporcional privilégio”. De ver Pacheco, claro!

Na velhice, quando a calvície alongara ainda mais a testa luzida, dando mais cintilação ao talento, Pacheco “já não falava. Sorria apenas”. Na hora do seu passamento, o seu desaparecimento foi carpido por todos os anais da pátria e o seu exemplo parece ter perdurado como uma memória cravejada na malha mental: “Portugal todo, moral e socialmente, está repleto de Pacheco”. O seu imenso talento teve merecida honra com um não menos amplo reconhecimento de toda a nação. Por isso Pacheco não partiu de todo. O seu imenso talento resistiu, amiúde, ao longo dos tempos, como exemplo prático de mestria política.

É longa e profícua a obra de Eça de Queirós (1845-1900), um dos mais esclarecidos e crítico escritor português do século XIX. Neste texto, que o tempo tornou conhecido como “Pacheco”, Eça produz um jogo de espelhos no qual a figura central se torna um reflexo de toda a envolvente disposta a produzir um político muito para além das suas reais capacidades. Pacheco, a grande personagem relatada ao senhor E. Mollinet, diretor da “Revista de Biografia e de História” na “Correspondência de Fradique Mendes” não é, desta forma, um indivíduo mas a esperança do povo encarcerado numa abstração. Aliás, assim como a própria figura de Fradique Mendes, homem culto e inteligentíssimo cuja existência Eça leva o leitor a não duvidar mas que, ingloriamente para a realidade, não deixou nenhuma obra a comprovar o seu dom. É assim que este exemplar único, apenas com qualidades imagináveis – mas desejáveis – completamente apartadas de todo o resto, só pode existir na imaginação coletiva.

O “talento” é aqui uma abstração figurativa. Trata-se de uma subjetividade transformada em coisa certa e segura enquanto visão do futuro radiante. A convocação do talento nestes termos incorpora o concreto no etéreo transportado para soluções dos males da vida espectável. Pacheco revela-se uma caricatura. Exhaustivamente evocado como principal apelo da sociedade portuguesa enquanto máxima qualidade desejável do político, o “talento” viaja pelo texto desde a crença ineludível até à persistência descrente. Pacheco resiste enquanto presença espirituosa e esperançosa mas soçobra na colisão com a realidade.